

Depoimento em ‘primeira pessoa do singular’*

Descaminhos

Quando me formei em Letras, em Campinas, em 1954, não se falava em Lingüística. Havia apenas um professor muito bom, muito famoso, Francisco Ribeiro Sampaio, bom gramático, bom filólogo. Foi professor da Cláudia Lemos também, e de muitos outros que depois seguiram a carreira acadêmica. Não publicou nada de importante, e praticava conosco em aula uma análise técnico-gramatical, geralmente sobre os textos de Camões. Talvez falasse alguma coisa sobre lingüística, mas era a ‘Lingüística Comparativa’ de Meillet, Bally, dos que se formaram em torno de Saussure ou o antecederam.

* Este texto, tal e qual outros agregados ao nosso acervo de historiografia lingüística brasileira, narrado em *Primeira Pessoa do Singular* – projeto coletivo do *Centro de Documentação em Historiografia Lingüística* do Departamento de Lingüística da USP (CEDOCH) – resulta de duas entrevistas informais, não estruturadas, concedidas a mim por Carlos Franchi, em 1992. Infelizmente delas não temos gravação, apenas meus manuscritos taquigrafados. Tal e qual as edições precedentes do *Primeira Pessoa* – projeto que visa à preservação da história dos processos de institucionalização e de desenvolvimento da pesquisa lingüística no Brasil, tal como vista e vivenciada por aqueles que deles participaram – o presente texto omite as perguntas, inverte a ordem de certos assuntos, evita as repetições e digressões naturais da fala, embora procure não trair o teor dos comentários, nem a espontaneidade e o ponto de vista do entrevistado. Franchi nos deixou muito antes que nos ocorresse a urgência de editar suas entrevistas, regravá-las e submetê-las à sua apreciação. Apesar de ter investido todos meus esforços em resgatar termos, expressões e referências originais, o presente texto segue, pois, sem a revisão do autor. Os erros, omissões, imprecisões são, portanto, unicamente de minha responsabilidade. Cristina Altman.

Até 1969, nunca ouvi falar de Lingüística, nem sabia o que era. Eu era professor de língua portuguesa no Colégio de Aplicação, em Jundiá, e, tal e qual outros interessados em linguagem, estava totalmente à margem do que já acontecia na 'Lingüística Brasileira'. Ouvi falar de Lingüística com um professor de francês, no Departamento de Pedagogia do Instituto de Lingüística Aplicada. Esse contato me levou à descoberta de outros autores de origem francesa. Comecei a ler Saussure, Troubetzkoy, mas não entendia nada. Só vim a compreendê-los depois. Naquela época, estávamos preocupados em resolver problemas imediatos de ensino do português.

A Lingüística entrou na minha vida também por caminhos indiretos, quando fui fazer Pós-Graduação em Teoria Literária, entre 1967 e 1969, com o Antonio Candido. O ponto central do curso era a análise de poemas. Candido promovia seminários, discussões com autores da literatura francesa, em que a Lingüística aparecia via [Tzvetan] Todorov (n. 1939), [Sebastian] Šaumjan (n.1916), nos textos de [Julia] Kristeva. A lingüística estrutural era a última palavra do assunto no momento: [Roland] Barthes (1915-1980), [Jacques] Derrida (n. 1930), Todorov, [Claude] Lévi Strauss (n.1908), todos autores da 'linha sociológica', interpretativa, de Paul Ricoeur.

A primeira disciplina que fiz em Lingüística, foi com o [Izidoro] Blikstein. Alguns textos que ele me passou, eu já tinha. A Livraria Francesa era a fonte para o acesso bibliográfico da época: foi através dela que tive acesso a [Eric] Buysens (n. 1900-?), [Nicolas] Ruwet. Não entendi nada quando li Ruwet (v. Ruwet 1973). Este grupo de estudos de São Paulo era um grupo privilegiado de professores secundários, que ganhavam bem, tinham biblioteca, se correspondiam com [Isaac Nicolau] Salum. Nós, no interior, não tínhamos acesso ao que se passava na academia. Nossa leitura era formada em cima de textos que ganhavam proeminência em outros textos. As pessoas da USP já recomendavam textos que não conhecíamos.

A primeira vez que ouvi falar em Semântica foi durante uma discussão sobre as razões que levaram Lévi-Strauss a introduzir a Lingüística na Antropologia, via Fonologia. Chamou-se a atenção para a Semântica, via Ricoeur. Não se falava nada de Semântica Formal – isso era 'coisa' da Filosofia. O primeiro livro de Semântica que me caiu nas mãos foi o *Message et Signaux, de Prieto* (v. Prieto 1973). A Lingüística entrava para mim, portanto, pelo seu caminho mais 'fraco': uso metafórico, interpretação de textos, esquemas da antropologia e da sociologia.

Se fosse para dar aula, eu queria era ser professor de Teoria Literária, mas tive minha contratação barrada na USP, por razões políticas. Já havia o PILEI em São Paulo,¹ mas também não consegui entrar. Conseqüentemente, eu era mais vinculado ao Programa do Rio, e vivia meio à margem do sistema acadêmico de São Paulo. Tanto é que foi o texto de [Miriam] Lemle, na *Tempo Brasileiro*, que me levou a ler Chomsky (v. Lemle 1973). Essa revista publicava muita coisa do estruturalismo. Lia livros de Lingüística, mas os interpretava de um outro contexto, o da leitura de textos e do ensino de língua. Nada a ver com pesquisa.

Lingüística-Matemática como a ciência piloto das ciências humanas

O projeto de um curso de Lingüística da UNICAMP nasceu da fantasia de Fausto Castilho. Filósofo de formação francesa, trouxe [Jean Paul] Sartre para Araraquara, e foi na França que conheceu Yves Gentilhomme. Quando voltou para dirigir o primeiro Centro em Campinas – era um centro de economistas, de atendimento a pequenas e médias empresas– teve a idéia de transformar esse núcleo em um Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Mas não era a vocação inicial da UNICAMP. A UNICAMP foi criada para ser uma grande universidade tecnológica em torno de um núcleo de economistas, como uma espécie de ponto de ligação entre empresas e Universidade. Mas Castilho teve a idéia de partir desse núcleo para formar um verdadeiro Instituto de Filosofia.

Na montagem do Instituto, incorporou também o já existente Centro de Lingüística Aplicada que, na verdade, era bem anterior ao Departamento de Lingüística. O objetivo do Centro era simplesmente auxiliar alunos das áreas médicas e técnicas no uso instrumental das línguas. Era constituído de professores da região, sem formação universitária.

¹ O PILEI, oficialmente fundado em 1963, por Donald Solá, em Cartagena de Indias, Colômbia, foi criado com o objetivo principal de "... estabelecer um mecanismo de cooperação estável para o intercâmbio entre filólogos e lingüistas dos Estados Unidos, da América Hispânica e da Europa ..." (Castilho 1984:16).

Com essa idéia de fazer um centro avançado de sociologia e antropologia, Fausto Castilho conseguiu formar um Instituto de Ciências Humanas, que previa a criação de um Departamento de Lingüística. Este projeto partia de pressupostos equivocados, mas que funcionaram muito bem na ocasião aos propósitos de Castilho.

Primeiro, partia-se do princípio de que era a Lingüística a disciplina capaz de superar a distância entre Ciências Humanas e Ciências Exatas. Segundo, o de que a Lingüística era a 'ciência piloto' das Ciências Humanas. Junto a ela, Sociologia, Antropologia e História poderiam se beneficiar dos seus avanços. Veja que nem sempre os equívocos iniciais dão errado no fim. Neste contexto, ao contrário, foram mais produtivos do que a verdade: aquela lexicologia 'matematizante' de Gentilhomme parecia se encaixar perfeitamente nesses dois anseios, e foi assim que a Lingüística da UNICAMP emergiu como a mais importante das ciências humanas, a ser incorporada por um Instituto de Ciência Humanas e não por uma Faculdade de Letras.

Foi com esses argumentos que Castilho 'vendeu' a idéia da necessidade de um Instituto de Ciências Humanas para Zeferino Vaz, pilotado pela Lingüística, que, ao mesmo tempo que serviria de modelo para as demais, construiria a ponte entre estas e as Ciências Exatas. Tanto é verdade que, mais tarde, Zeferino deu uma entrevista a um jovem que divulgou a grande novidade da UNICAMP: a criação de um Departamento de Matemática (!). Foi aí que se veiculou a idéia da Lingüística como uma disciplina formal, e de prestígio.

Parte deste Projeto-Piloto era mandar para a França cientistas da área de Humanas para estudar Lingüística. Os primeiros quatro a irem para Besançon, para serem orientados por Gentilhomme, foram um antropólogo, um sociólogo, um matemático e um filósofo. Respectivamente: Antonio Augusto Arantes, Andre Maria Pompeo Villalobos, Ângelo Barone e Luiz Benedito Lacerda Orlandi. Na raiz do projeto estava, na verdade, uma rebelião contra o 'modelo-Letras'. Não se queria nada que se assemelhasse às faculdades de Letras existentes no país. Tanto é que não foi difícil convencer a direção da UNICAMP a incorporar a Lingüística como um Departamento do Instituto de Ciências Humanas, e não de Letras. O contexto da época era formar mão-de-obra especializada e técnica para o projeto militar de um 'Brasil grande'. Para isso, nada mais conveniente do que uma Lingüística 'vestida' de Matemática.

Como filósofo, Fausto tinha uma estreita relação com o estudo da linguagem, portanto, nada mais natural encarregar um grupo interdisciplinar para fazer

emergir uma Lingüística ligada à Filosofia e orientada para as Ciências Humanas. Este primeiro grupo quase destruiu o projeto. Logo todos se aperceberam da dificuldade de estabelecer uma ponte imediata dos seus interesses com a Lingüística. Fizeram um curso rápido de Lingüística, e cada um logo se voltou para seus interesses exclusivos. Da confluência das suas especialidades, não emergiu Lingüística nenhuma.

Outro equívoco do Fausto foi obrigar os quatro pesquisadores a fazerem o curso de Lingüística em Besançon, para depois permitir que se mestrassem cada um em sua própria área. Esses equívocos ficaram visíveis pelos resultados. Os colegas que voltaram da França não estavam nem preparados, nem motivados a enfrentar a pesquisa em Lingüística e, muito menos, seu ensino.

Os Novos Mosqueteiros

A segunda tentativa de organizar um curso de Lingüística na UNICAMP resultou exatamente da tomada de consciência da ineficiência das estratégias utilizadas na formação do primeiro grupo. Era necessário agir rápido: já havia projetos para um vestibular em Lingüística, e era preciso, para isso, formar lingüistas. A necessidade gera ousadias que levam as pessoas a corrigirem a rota e a buscarem novos caminhos.

Este segundo grupo se deparou com algumas dificuldades, dados os poucos resultados do investimento feito com o primeiro grupo. Antonio Candido foi quem avalizou a indicação junto à FAPESP. Conversou com [Isaac Nicolau] Salum e [Theodoro Henrique, Jr.] Maurer sobre esse projeto. Foi extremamente discreto sobre os critérios que o conduziram na seleção dos indicados para participarem deste segundo grupo. Foram indicados Haquira Osakabe, Rodolfo Ilari e Carlos Vogt, todos da USP.

Os três eram estrelas na Pós da USP. Ilari era da área de francês, extremamente respeitado por [Albert] Audubert e preparava um trabalho em Teoria Literária; Haquira fazia um curso brilhante e Vogt estudava com Antonio Candido. No meu caso, acho que fui indicado pelos problemas políticos que eu estava enfrentando. De certa maneira, entrei na carreira acadêmica por acidente. Eu já era um advogado bem-sucedido, e fazia pós em Teoria Literária porque gostava. Mas estava tendo problemas em Jundiaí, desde 1964, por advogar para presos políticos. A partir de 1968 a coisa começou a ficar pior. Daí foi que Antonio Candido propôs para mim uma solução confortável e segura para a família toda.

– Olha, Franchi, eu tenho a solução. Só que você não vai fazer Teoria Literária, vai fazer Lingüística.

Falou do Projeto e sugeriu minha entrada para o grupo. Duas horas e meia depois de conversa, começava minha mudança radical de vida. Ir para Besançon, me formar em Lingüística e ajudar a realizar o projeto de criação da Lingüística da UNICAMP. Candido foi extremamente correto, descreveu o projeto, fez sua avaliação pessoal, positiva. Como minha análise era 'gramatical', eu deveria me dar bem.

Tive que sair em seguida. O Projeto implicava a mesma obrigação de fazer o curso de Lingüística com Gentilhomme, em Besançon. Ninguém naquelas alturas tinha informação exata do que era Lingüística. Não se falava em Lingüística Americana, Chomsky, então, nem pensar. Éramos absolutamente ignorantes na matéria. E praticávamos uma leitura intertextual perigosa. Reinterpretávamos os textos da Lingüística à nossa moda.

Chegando em Besançon, de Lingüística mesmo, nada. Nossa única vantagem era estar em um lugar onde o acesso a informações vindas de Paris era mais fácil. Em Besançon, o curso mais relevante era o de Estilística, com [Jean] Peytard. Peytard era bem formado, tinha uma tradição de estudo gramatical, mas não era em Lingüística. Gentilhomme não ensinava quase nada. Eram exercícios ingênuos, interseções formais, montagem de gráficos, diagramas de análise sintática e formal. Foi Mme. Fischer, uma argentina exilada, que dava cursos sobre Chomsky, quem discutiu conosco os prolegômenos da teoria chomskiana, mas era só.

Uma coisa foi boa. Tomamos consciência da loucura do projeto em que tínhamos nos metido e de que, em Besançon, não iríamos aprender Lingüística – e não aprendemos mesmo. Nunca tive tanta consciência da ignorância que tinha em Lingüística e do que se passava em termos de Lingüística no mundo.

Procuramos contato com outros grupos. Encontrei o grupo do [Antoine] Culioli. Outra vertente que acabei conhecendo (e que depois passou a ter importância) foi Pêcheux. Era interessante esse grupo lógico de Neuchatel, assim como o de Grenoble. Visavam à construção de uma teoria formal mais abrangente do que a chomskiana.

Pêcheux, assim como [Catherine] Fuchs e [Oswald] Ducrot, foi incorporado pelos que se interessaram pela Análise do Discurso, como o Haquira. Mas também pelos que se interessavam pelas teorias formalistas, como eu, reforçado por Culioli. Todo mundo, menos eu, acabou indo para Paris.

Ilari no início se interessou pela análise do discurso de [M.A.K.] Halliday, mas, quando voltou, acabou se dedicando a uma orientação mais formal, porque se ligou a outros filósofos na UNICAMP.

Vogt defendia a idéia de que a Semântica não era cientificamente tratada. Em Paris, trabalhou com Ducrot. Era uma Semântica associada ao contexto da enunciação, como uma semântica formal. Vogt depois foi o responsável pela vinda de Ducrot para Campinas, onde deu vários cursos de Pós. Eu tive dificuldades de ir para Paris. Conseguia informações de lá com o Haquira, via [Michel] Lahud. Fui para Aix en Provence.

Pensando no que iria fazer na UNICAMP quando voltasse, afinal, responderíamos por um curso completo de Lingüística – pensamos em ficar mais na Europa para nos aperfeiçoar e fazer um Doutorado. Não conseguimos. Talvez porque ele mesmo, Fausto, não tivesse Doutorado. A contra-ordem foi que completássemos o Mestrado imediatamente, e voltássemos.

Eu e Vogt queríamos fazer Semântica; Ilari e Haquira, Análise do Discurso. Não sobrava ninguém para Sintaxe. Tomei então uma decisão complementar, de caráter prático:

– Não havendo ninguém para Sintaxe, fico eu.

Fui estudar com Blanche Benveniste, que seguia [Maurice] Gross (1934-2002), na época ligado a Zellig Harris (1909-1992). Blanche deu um bom curso de análise distribucional, embora tivesse idéias próprias: uma visão da sintaxe por um *approach* pronominal. Havia mais cursos na área de Lingüística em Aix, mas eu não suportava [Georges] Mounin (1910-1993), uma espécie de arauto do [André] Martinet. Não se podia falar em Chomsky. A obrigação era ler Martinet e falar Martinet:

– Quería ver se Chomsky dava conta disso...

Fui procurar uma saída. [Jean] Stéfanini (1917-1985), do Departamento de Língua Francesa, que promovia seminários sobre Chomsky, me acolheu. Stéfanini era um guillaumista. Quería estudar Chomsky para mostrar que Guillaume tinha feito Chomsky antes de Chomsky. O que me colocou em contato direto com os *Aspects*

(Chomsky 1965). Tive acesso ao texto já na tradução francesa. Chomsky era um importante contraponto à lingüística francesa da época, e começava a entrar na França por causa dos limites do distribucionalismo. Em epistemologia, tive contato com [Gilles-Gaston] Granger (n.1920): um dos tópicos do seu curso era linguagem. Foi nesse curso que li Halliday e que 'peguei' a preocupação com os fundamentos de uma análise.

De certa forma, nos preparávamos para voltar para a UNICAMP com algumas áreas cobertas. A Graduação já estava no segundo ano. O primeiro ano era um curso geral, em que o aluno estudava Epistemologia, Sociologia, Antropologia etc., e, quando entramos para dar Lingüística na Graduação, já estavam também abertas as inscrições para o Curso de Pós, até então coordenado por Gentilhomme.

Gentilhomme saiu repentinamente do país, por razões de natureza pessoal, o que, de certa maneira, nos deixou 'na mão'. Mas éramos quatro, e tínhamos condições de montar um projeto nosso: Vogt conseguiu convencer Ducrot a vir e a trabalhar em Semântica. Fausto caiu, eu me tornei o Chefe do Departamento. Era 1972, e acontecia o GEL de Bauru. Associamo-nos a [Mary] Kato, que tinha um bom contato com a lingüística norte-americana; Leila Bárbara e John Schmitz. Esse pessoal se revezava para dar aula de Sintaxe. Foi assim que introduzimos na UNICAMP a Semântica Gerativa (Lakoff, Perlmutter) e tivemos contato com outra bibliografia até então desconhecida. Vogt não tinha problemas: afinal, Ducrot já estava lá. Haquira voltara-se de vez para a Análise do Discurso.

Resolvido emergencialmente o problema dos cursos, se colocou o problema grave da nossa formação.

Em 1972, houve a famosa polêmica entre Afrânio Coutinho, Portella, o grupo de Letras da UFRJ e o Programa de Lingüística do Museu Nacional. Foi aí que fui ao Rio conversar com o Aryon [Rodrigues], que coordenava uma turma muito boa, titulada, e que não estava a fim de se transferir do Museu para o Curso de Letras da UFRJ. Inevitavelmente, a decisão que tomei de trazê-los para a UNICAMP provocou polêmica. Era ainda a velha idéia da Cátedra, que transformava a titulação em obstáculo: essa era a tendência dos uspianos. Não contratavam gente titulada, mas, sim, gente inexperiente, para irem formando escola.

Mesmo não aprovando a idéia, foi Vogt quem voltou ao Rio uma segunda vez para fazer o segundo contato com o Programa do Aryon. Voltou mal impressionado com o [Antônio] Quicoli (o melhor gerativista de então). Mas

além do Quícoli, o grupo do Rio era constituído pelo [Bryan] Head, de Sociolingüística; pelo próprio Aryon, de Lingüística Geral e Indígena, e Lúcia Lobato, que se dedicava à Semântica. [John]Martin já estava na UNICAMP, de onde saiu como entrou, à força.

Exceto Lobato, cujo diploma francês não foi imediatamente aceito por Zeferino Vaz, e foi para Brasília, vieram todos do Programa do Rio, no segundo semestre de 1972. Equivocamo-nos com o Brian. Quícoli teve um efeito positivo na Sintaxe. Aryon foi fundamental para a formação da Pós, embora fosse visto por muitos como um tanto controlador. Claro que a entrada do grupo foi uma fonte de conflitos. Mas, para todos, o objetivo principal era desenvolver um projeto diferente, de criar um departamento onde várias tendências teóricas pudessem conviver e trocar informações: Quícoli com a Gerativa, Aryon com a Tagmêmica e Bryan, com a Sócio. Apesar das divergências teóricas, todos éramos desfavoráveis à idéia de qualquer associação com Letras. Mas é claro que essa multiplicidade teórica provocava embaraços e favorecia, a médio prazo, uma divisão interna sobre a política a ser seguida pelo Departamento.

Restava-nos, assim, obter titulação, e ganharmos força política para manter nosso projeto de ser um departamento de Ciências Humanas. Primeiro saíram Vogt e Ilari, que voltaram do exterior com a tese pronta e a defenderam aqui. Em 1975, eu saí para fazer o Doutorado. De uma certa maneira, foi sempre a dificuldade de encontrar recursos que gerou a necessidade de buscarmos uma solução criativa para garantir a manutenção do nosso projeto inicial.

As áreas foram crescendo. Em Psicolingüística, Karel Sthol, indicada por Aryon, promoveu um curso muito bom, financiado pela FAPESP. Maria Cecília Perroni Simões, formada por ele, criou a necessidade de manter a área aberta; Cláudia de Lemos, aluna brilhante de Letras Clássicas na USP, trabalhando na PUC-SP, teve contato com Psicolingüística e foi para a Inglaterra. Voltou Doutora e a contratamos.

Mal ou bem, Head abriu o campo da Sociolingüística. De repente, passamos a ter na área gente como [Fernando] Tarallo, [Tânia] Alkimin e Marco Antônio de Oliveira. Quícoli saiu. Mas deixou na gerativa Pizzini, e depois entrou a Charlotte [Galves]. Todas as áreas que temos hoje resultaram, de certa maneira, daquele tempo. Gerativa, Sociolingüística, Lingüística Indígena, Semântica Argumentativa, Introdução à Lógica e Semântica Formal – preenchida depois pelo [Marcelo] Dascal. Mazei e [Edson] Françaoso também tiveram imersão em cursos interdisciplinares: o grupo de fora atribuía à Lingüística uma vocação inter-

disciplinar. Tudo nasceu de um projeto circunstancial que Haquira e eu montamos. [Osvaldo] Porchat formou o Centro de Epistemologia e Filosofia das Ciências. A vocação interdisciplinar das Ciências Humanas permitiu a interação e a circulação rápida de um projeto comum entre alguns do Programa do Rio, e outros de São Paulo.

Até 1975, ano em que Vogt entrou para a Chefia, foi nossa luta para criação desse espaço. Os mestrandos já começavam a aparecer. Dos antigos sobraram poucos, mas ainda estão por aí: Rosa Attié Figueira, que seguiu a linha de Vogt e Ducrot; Cagliari, que seguiu Fonética com Brian, e depois foi para Edimburgo. Marco Antônio foi para os Estados Unidos fazer Sociolinguística com bolsa da FAPESP e do CNPq. A UNICAMP facilitava contratar o pesquisador antes, para eles poderem sair, se formarem no exterior, e depois voltarem e se dedicarem em tempo integral ao Departamento. Era a política do Zeferino Vaz. Sem ele, nada disso teria existido.

O grupo de Teoria Literária, por exemplo, foi contratado sem aula alguma, só para fazer o projeto: Suzi Sperber, Berta Waldman, Lafetá, Wisnik, Adélia Bezerra, Lucia Dal Faria, Roberto Schwartz, Caroni. E foi a entrada do pessoal da literatura no Departamento que provocou de vez nossa ruptura com o Instituto de Ciências Humanas e deu origem à formação do IEL.

Havia, na verdade, duas pressões políticas: uma, vinda dos economistas da própria Instituição, que dominavam a política acadêmica, e outra, vinda do Conselho Federal de Educação, que queria montar um Instituto de Letras em Campinas.

Mais uma vez Antonio Candido foi a peça chave para a manutenção do Projeto. O Instituto de Estudos da Linguagem, o IEL, se ergueria sobre dois pilares: um, a Linguística; o outro, a Teoria Literária. Pouco a pouco, as áreas iriam se diversificando e o Instituto iria se construindo por módulos: era a mesma política de criar a necessidade, fomentar recursos e solidificar a área. O novo Instituto se constituiria de Linguística, Teoria Literária e Estudos Latino-Americanos. Era algo novo, que fazia falta nas Letras Brasileiras. Ganhava força, pois, a segunda corrente, o que colocava nosso projeto inicial em risco, principalmente depois que o pessoal de Linguística Aplicada também passou a reivindicar seu espaço próprio dentro de um Instituto de Letras. Isso alteraria totalmente o perfil do Departamento, do Instituto e tudo o mais. Letras era outra coisa.

Não foi difícil convencer Vaz da inviabilidade de um Projeto de Letras. Vogt, ainda na Chefia do Departamento, convenceu Antonio Candido a ficar e a dirigir o novo Instituto, o IEL.

Essa segunda fase da Lingüística da UNICAMP, a do IEL, foi mais fácil. Vaz apoiava o projeto, Candido dirigia o Instituto e eu cuidava da parte administrativa. Aliás, o único voto contra a separação da Lingüística do Instituto de Ciências Humanas foi o meu. Foi, aliás, um grande equívoco, pois o IEL abriu as portas a recursos fantásticos. Já tínhamos gente boa, com o IEL adquirimos prestígio acadêmico e espaço institucional – embora os físicos e os matemáticos ainda nos olhassem um pouco de lado.

O IEL

Zeferino Vaz investiu mesmo no IEL, que manteve o projeto original, com algumas pequenas mudanças. A idéia inicial de manter os vários grupos equilibrados no jogo de forças do Departamento, e a busca de qualidade na formação do pessoal, entretanto, sempre se manteve. Cagliari sustentou a Fonética; de Lemos, a Psicolingüística; Alkimin e Tarallo, a Sociolingüística. Perdemos um pouco da nossa vocação inicial com a saída de Dascal, que tinha aberto a linha da Semântica Formal, assim como com a saída do [Daniel] Everett, na área da Teoria Gramatical. Enquanto a Semântica Formal se manteve com o Ilari, a Semântica Argumentativa, inaugurada pelo Vogt e pelo [Kanavilil] Rajan, também conseguiu se manter, mas não com o mesmo nível. A Análise do Discurso, embora diferente da que o Haquira pretendia, se manteve com Eni Orlandi. Na Sintaxe, não foi nada fácil abrir novas frentes, mas tivemos a Charlotte, a Mary Kato e o Daniel Everett. Mas eles nunca tiveram uma função administrativa no Departamento. Lemos, sim, teve força, mas não porque foi Chefe, porque orientou projetos coletivos e criou gente. A Análise do Discurso se reforçou pelo poder político, dado que não tiveram o mesmo tipo de formação acadêmica. Aryon não criou novas vertentes.

Depois da formação do IEL, o currículo mudara muito. Reduziu-se muito a ênfase inicial nas gramáticas formais. Alguns erros iniciais se corrigiram, mas, aos poucos, a Teoria Literária acabou construindo seu próprio feudo, e, de certa maneira, o Departamento de Lingüística Aplicada, também.

Os *Cadernos de Lingüística Aplicada (CEL)* nasceram depois da minha saída. A formação de uma revista era um velho desejo. Mas nenhum de nós tinha habilidade para fazer isso. O único pesquisador que tinha mais experiência nessa área era o Ataliba [de Castilho]. Foi assim que o contratamos. Aliás, sua contratação tinha dois objetivos: o primeiro, equilibrar nossas pequenas crises com o pessoal do Rio. O

segundo, a idéia de recuperar a boa vizinhança com a Filologia e a Lingüística Aplicada. Para isso, o Ilari, que tinha uma boa formação clássica, era fundamental. Mas também precisávamos do Ataliba, que conheci em um GEL.

A titulação de um e outro grupo estava freqüentemente no cerne da questão: quem era o grupo que estava melhor titulado, quem era melhor preparado. O projeto da turma do Rio era muito possessivo e não nos interessava muito. Contratar pessoas que não viessem de nenhum dos dois grupos parecia uma boa forma de buscar o equilíbrio: foi assim que colocamos o Ataliba no meio do jogo.

Outro mediador importante foi de Lemos. Abaurre era muito independente, criou seu espaço próprio. De repente, vimos que havia, de forma equilibrada, um espaço para todos, embora outros tivessem levado mais tempo para amadurecer, o que inevitavelmente acaba formando pequenos grupos, a prática de auto-elogios etc. Muitos, como eu, retardaram a atividade acadêmica, embora tivessem toda a vocação para isso, porque foram engolidos pela Administração.

Eu não tinha nada, não sabia nada quando entrei. A consciência do nosso pequeno grupo inicial era vencer essa barreira e não tapar o sol com a peneira. Ser um grande leitor vem daí. Eu não sabia nada. De repente, tínhamos que assimilar uma vasta literatura desconhecida até então. Sempre reservei tempo para ir à Biblioteca. Mas a administração é um suicídio acadêmico, não dá para manter as duas coisas. Cada um contribuiu para o crescimento do IEL como pôde.

Ataliba não conseguiu levar a idéia da revista para adiante. Quem criou e tocou os CEL foi, sem dúvida, o Wanderlei Geraldi, com sua capacidade de organização. A Chefia neste momento era do Ilari, e Geraldi levou várias pessoas a escrever sobre a questão de abrir novas universidades, sobre Ensino, o que o aproximou muito do pessoal de Lingüística Aplicada. A tendência, hoje, é diversificar e ampliar mais ainda todos os espaços, internacionalizar a revista, aumentar o intercâmbio internacional. Temos infra-estrutura, bons equipamentos, boas máquinas, bom fichário, nosso volume de permutas é alto.

– Está tudo aí, agora, é só não deixar morrer.

Referências

- CASTILHO, Ataliba T. de, org. 1986. "Apresentação". *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. Materiais para seu estudo. Vol. I Elocuções formais*, org. por Ataliba Teixeira de Castilho e Dino Preti, 1-14. São Paulo: T. A Queiroz.
- CHOMSKY, Noam. 1965. *Aspects of the theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Lemle, Miriam. 1973. "O novo Estruturalismo em Linguística: Chomsky." *Tempo Brasileiro* 15/ 16:55-69. (1ª ed., 1967.)
- PRIETO, Luis J. 1973. *Mensagens e Sinais*. [Trad. de Anne Arnichand e Álvaro Lorencini]. São Paulo: Cultrix/EDUSP.
- RUWET, Nicolas. 1975. *Introdução à Gramática Gerativa*. [Trad. de Carlos Vogt]. São Paulo: Perspectiva.